



6º SIMPÓSIO
INTERNACIONAL DE
CIBERJORNALISMO

Performance em Ciberjornalismo:
tecnologia, inovação e eficiência

Performance in cyberjournalism: technology, innovation and efficiency

1 a 3 de junho/2015 na UFMS
em Campo Grande-MS - Brasil

Depois da TV digital: o telejornalismo e as rotinas produtivas em uma emissora regional¹

Rogério Eduardo Rodrigues Bazi²

Resumo:

A presente comunicação expõe os pressupostos idealizados para analisar e refletir os desafios que o sistema de TV digital impõe ao telejornalismo neste início de século a partir da nova configuração das rotinas produtivas. Têm como foco a produção jornalística exercida no noticiário “Jornal da EPTV”, da *EPTV-Campinas*, afiliada da *Rede Globo de Televisão*, canal aberto, com maior penetração no território brasileiro, localizada na cidade de Campinas, a 100 quilômetros de São Paulo, Brasil. A *EPTV* é uma emissora de televisão regional, fundada em 1979, com uma área de cobertura de 300 municípios, divididos em quatro regiões: Campinas, Ribeirão Preto e São Carlos, no interior do estado de São Paulo e em Varginha, no Sul de Minas Gerais. A população dessa área corresponde, segundo o Atlas de cobertura da Rede Globo de 2013, a 11 milhões de pessoas aproximadamente. A comunicação sustenta-se nos argumentos teóricos que produção de notícia em televisão não deve ser entendida apenas como resultado isolado da ação pessoal do jornalista, mas, cada vez mais nota-se o conhecimento da influência do contexto social na construção do noticiário. Os resultados indicam que a produção do noticiário sofreu alterações gradativas em termos de produção e o tempo de duração se mantém perto dos 11’.

Palavras- Chave: Telejornalismo regional, rotinas produtivas, TV digital.

1 INTRODUÇÃO

Uma das evidentes marcas do início do século XXI na atividade da prática do telejornalismo é a presença da alta tecnologia na produção, circulação e no uso da

¹ Artigo enviado na modalidade de Comunicação Oral.

² Professor e Pesquisador na Pontifícia Universidade Católica de Campinas (PUC-Campinas), Doutor em Comunicação, Graduado em Jornalismo. E-mail: bazi@puc-campinas.edu.br

informação no ambiente jornalístico para a veiculação das notícias. Do antigo vídeo *tape* a modernização das transmissões em tempo real com o auxílio dos satélites até ao uso das inovações tecnológicas, via internet, constituem um novo hábito de assistir a TV e de se praticar o jornalismo nas emissoras. A tecnologia possibilitou e incentivou criar meios ultra rápidos para que a informação pudesse atingir o receptor, reproduzindo nele, o conhecimento. “O registro histórico das revoluções tecnológicas (...) mostra que todas são caracterizadas por sua penetrabilidade, ou seja, por sua penetração em todos os domínios da atividade humana, não como fonte exógena de impacto, mas como o tecido em que essa atividade é exercida” (Castells, 2000, p. 50).

Assim como as novas tecnologias surgiram e se proliferaram, principalmente, entre os usuários de computadores, na televisão a alta tecnologia começa a ocupar espaços antes nunca imaginados. O que se observa é que a televisão do futuro já se parece com um computador conectado à internet ou outras redes do que a um aparelho de TV. O usuário se modifica e vai estar mais presente na forma de agir, assim como o de internet. E, segundo Padilha (2013, p. 03), (...) as informações disseminadas pela rede – incluindo as de cunho jornalístico – são importantes para o desenvolvimento dos mais diversos campos do conhecimento”.

Neste sentido, como já apontaram Bazi e Fabbri Jr. (2014), a passagem da via analógica para as vias da convergência digital é, ao mesmo tempo, resultado e causa da constituição do que se poderia nomear como a nova narrativa da televisão. Saem de cena as antigas práticas analógicas de se produzir televisão em favor das inovações possíveis de produção, até então silenciosas, conjugadas atualmente com a dinâmica da cultura da convergência (JENKINS, 2009).

Assim, a introdução da tecnologia digital no serviço de televisão no Brasil– a chamada televisão digital – refere-se, portanto, à digitalização do elo faltante: a etapa de radiodifusão e as respectivas interfaces, tanto do lado do estúdio quanto do usuário final. Entretanto, isso não deve ser entendido como uma mera digitalização do meio de transmissão, de vez que tal tecnologia permite que uma série de novas facilidades, sonhadas de longa data ou sequer

imaginadas até o momento possam ser incorporadas ao serviço.

Isto posto, a proposta da comunicação é a de expor os pressupostos idealizados para analisar e refletir os desafios que o sistema de TV digital impôs ao telejornalismo neste início de século a partir da nova configuração das rotinas produtivas. Para tanto, utiliza-se do exemplo da produção jornalística exercida no noticiário “Jornal da EPTV” 2ª Edição, da EPTV-Campinas, afiliada da Rede Globo de Televisão, na cidade de Campinas, São Paulo.

2 TV DIGITAL E AS ROTINAS DE PRODUÇÃO

A implantação do modelo japonês para a TV digital no Brasil ocorreu no dia 02 de dezembro de 2007, após amplas discussões com a sociedade e pesquisadores, pois, no decorrer das análises “todas as estratégias comerciais e políticas foram colocadas em prática para que o novo dispositivo substituísse o antigo televisor, sem proporcionar estragos no modelo de negócio assimilado por quase seis décadas pelos telespectadores” (Lima Júnior, 2009, p.369). Sob a égide da convergência, “a linguagem televisual passa a interagir agora um sistema de comunicação marcado pela interoperabilidade entre os dispositivos digitais, e, portanto, condição para um cruzamento de mídias e conteúdos com o hibridismo de formatos” (Médola, 2009, p. 248).

O que se denomina de televisão digital é, portanto, a transmissão de sinais de televisão em forma digital. De imediato, isso garante uma melhor qualidade de imagem e de som ao telespectador. Adicionalmente a imagem poderá ser mais larga que a atual, eventualmente com um maior grau de resolução (alta definição-HDTV) e um som estéreo realisticamente envolvente (*surround*) e poder-se-à ter vários programas em um único canal (sistema de múltiplos programas). A televisão poderá ser utilizada para comprar produtos, consultar acervos bibliográficos ou enviar e receber mensagens. Em programas de auditório, as pessoas poderão participar de suas casas, tendo as suas imagens transmitidas a partir de uma câmera de baixo custo, do tipo *webcam*. Com a possibilidade de utilização de mais canais e mais programações por canal, poderá haver uma proliferação de programas atendendo a diferentes necessidades e interesses. Os que apreciam *shows* e concertos terão uma sensação muito mais realista dos mesmos. E os recursos de interatividade e a

possibilidade de se ter pequenas geradoras de âmbito local poderão ser utilizados para que a televisão seja um fator a aproximar as pessoas.

A partir da tecnologia digital abre-se, portanto, um leque quase infinito de novas possibilidades. Deve-se observar, porém, que existem algumas restrições. Primeiro, as alternativas não são todas simultaneamente realizáveis, impondo a escolha de determinado subconjunto de possibilidades. Segundo, elas não são auto-realizáveis, implicando na necessidade de estabelecimento de regras e padrões que maximizem as potencialidades do subconjunto eleito. Terceiro, os recursos estão dispersos ao longo do tempo: alguns deles já são disponíveis hoje, enquanto outros dependem de desenvolvimentos a serem realizados.

Dizard Jr. (2000, p.48-49) alerta que a TV Digital, assim como outras mídias interativas, pode aumentar as distâncias entre os “pobres e os ricos de informação”. O autor lembra que as inimagináveis possibilidades das tecnologias digitais podem criar armadilhas ao tornarem extremamente atrativos produtos exclusivamente voltados para o entretenimento que, por definição, já são muito mais atraentes do que os conteúdos de informação e conhecimento para quem tem baixa escolaridade ou interesse na educação. Junte-se a isso a disputa por audiência, multiplicados pelos incontáveis novos produtos de conteúdo que poderão ser oferecidos.

Contudo, convém explicitar mesmo brevemente, à luz do arcabouço conceitual, que a rotina profissional dos jornalistas na coleta, seleção, hierarquização e apresentação, “constituem o contínuo no processo de produção da notícia. Sem as notícias não existem narrativas sobre a realidade, sobre o cotidiano, sobre o mundo”, argumenta Pedroso (2003, p. 4). Ainda de acordo com a autora, “as notícias são as narrativas efêmeras e superficiais, as representações simbólicas do mundo pós-moderno eletronicamente interligado pela televisão via satélite (...)”.

As rotinas de trabalho são consideradas respostas práticas às necessidades do meio de comunicação, como também aos jornalistas. As rotinas obedecem a fatores sócio-organizacionais e são postuladas como processos “convencionalizados e algo mecanicista de produção de alguma coisa (...) sem excluir que determinadas pessoas tenham rotinas

próprias ou que a cultura e o meio social afetem essa produção” (Sousa, 2002, p. 48). E no presente contexto oferecido, torna-se fundamental lembrar o argumento de White (1993), que considera que as decisões dos jornalistas na seleção das informações constituem-se de modo subjetivo e até arbitrário, pois dependem muito mais de juízos de valores baseados no conjunto de experiências, atitudes e expectativas dos próprios jornalistas.

Tem-se, assim, de um lado, a cultura profissional e, de outro, as restrições ligadas à organização do trabalho sobre as quais são criadas convenções profissionais que definem a notícia e legitimam seu processo produtivo em todas as suas etapas, estabelecendo, dessa forma, um conjunto de critérios de relevância que definem a noticiabilidade de cada acontecimento, ou seja, “a sua “aptidão” para ser transformada em notícia” (Wolf, 1999, p.189). A noticiabilidade, portanto, é conceituada como um “conjunto de elementos através dos quais o órgão informativo controla e gera a quantidade e o tipo de acontecimentos (...)” (Wolf, 1999 p.195).

Os valores/notícia tornam possíveis a rotinização do trabalho jornalístico, pois no contexto do processo produtivo, adquirem significado e desempenham a sua função. Wolf (1999, p. 218) considera que o elemento fundamental das rotinas produtivas, isto é, “a substancial escassez de tempo e de meios, acentua a importância dos valores/notícia, que se encontram, assim, profundamente enraizados em todo o processo informativo”.

Ainda, contribuindo para a reflexão iniciada, Martins (2012, p.101) esclarece que é “(...) o processo de convergência vai além das linguagens, formatos e mídias: atingem as habilidades dos jornalistas, as suas rotinas produtivas e chega às audiências, que desfrutam do poder de escolher qual mídia assistir, quando e como assistir”.

3 JORNAL DA EPTV 2ª EDIÇÃO: ANÁLISE

Ao estabelecer, portanto, a reflexão em torno das rotinas produtivas como parâmetro conceitual e a questão da tecnologia do sistema de TV digital para a presente

comunicação, é importante registrar que em Campinas, o noticiário “Jornal da EPTV” 2ª Edição é exibido pela *EPTV-Campinas*, afiliada da *Rede Globo de Televisão*, canal aberto, localizada na cidade de Campinas, a 100 quilômetros da Capital de São Paulo, Brasil. A *EPTV* é uma emissora de televisão regional, com uma área de cobertura de 300 municípios, divididos em quatro regiões: Campinas, Ribeirão Preto e São Carlos, no interior do estado de São Paulo e em Varginha, no Sul de Minas Gerais. A população dessa área corresponde, segundo o Atlas de cobertura da Rede Globo de 2013, a 11 milhões de pessoas aproximadamente. Iniciou o processo do sistema digital em 2000.

Inaugurada em 1979 pelo empresário José Bonifácio Coutinho Nogueira, a TV Campinas foi a primeira emissora da família. Um ano depois, inauguraram a EPTV Ribeirão Preto; em 1988, foi a vez da EPTV Sul de Minas e, em 1989, a cidade de São Carlos recebeu os sinais da EPTV Central. No início, o sinal da emissora de Campinas chegava a apenas 20 cidades. Produz vários programas regionais, premiados internacionalmente, e duas edições dos noticiários da emissora: o “Jornal da EPTV”, às 12h e às 19h10.

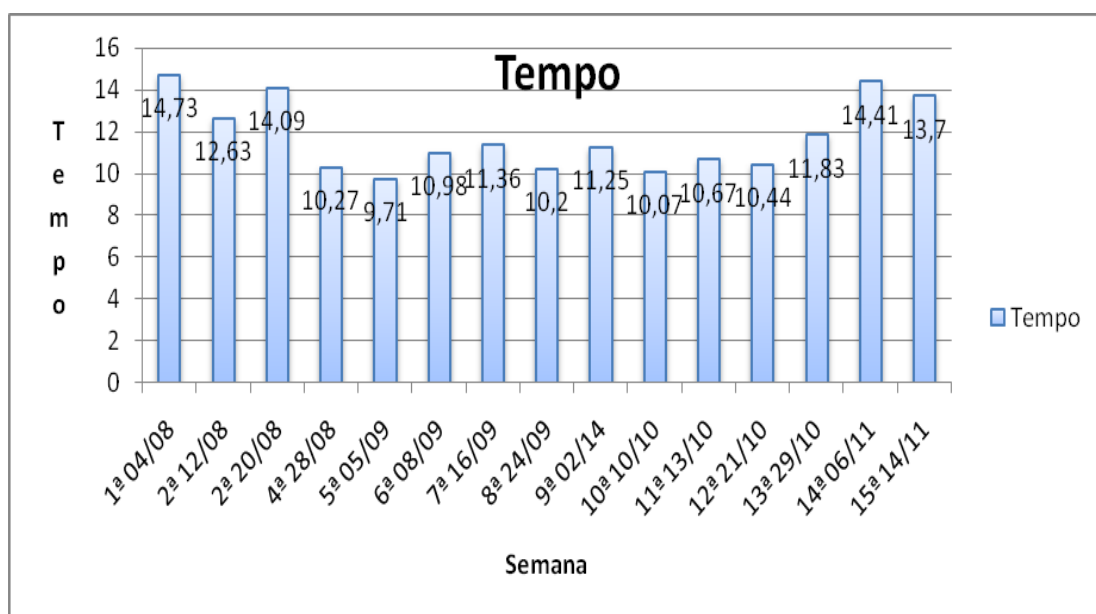
Bazi (2001) considerou que televisão regional é aquela que retransmite seu sinal a uma determinada região, delimitada geograficamente e que tenha sua programação voltada para essa mesma região, sem perder a contextualização do global. Deve-se desconsiderar o conceito para aquela emissora regional que produza seu programa a partir de uma grade de programação estadual ou nacional, como, por exemplo, a praça de São Paulo, haja vista que o regional, para essas emissoras, é o próprio estado ou nação de origem. Perde-se, assim, a identificação primária que é a de se ver na tela.

As emissoras regionais fornecem aos telespectadores, por meio da união da programação do regional e nacional, retratar os assuntos locais e ao mesmo tempo proporcionam acompanhar o que ocorre no país e no mundo. Se uma pessoa desejar assistir “às cores locais”, basta sintonizar os programas gerados pelas emissoras regionais; se optar em saber o que acontece em outro lugar assiste aos programas da Rede a qual está afiliada.

É importante lembrar que a televisão brasileira nasceu local com a inauguração da TV Tupi de São Paulo. As imagens somente eram vistas a partir das antenas de transmissão, num raio aproximado de 100 quilômetros em torno do transmissor que gerava as imagens. “E, posto que não havia fitas de vídeo para copiar os programas e transportá-los entre as

regiões, cada estação de TV tinha que prover a sua própria programação” (Priolli, 2000, p.17). Desde 1950, ano da inauguração da primeira emissora de televisão no país, até 1959, surgiram nove estações de televisão no Brasil em cinco estados, todas localizadas nas capitais. Somente em 1960, com a chegada do vídeo *tape*, essa situação se modificou e a televisão brasileira rompeu a esfera de metrópole e ganhou também a de municipal com a entrada da nova tecnologia.

Assim posto, no que se refere às rotinas produtivas dos jornalistas envolvidos na produção do noticiário Jornal da EPTV 2ª Edição, foi possível observar, preliminarmente, que por meio da gravação e análise³ de 15 semanas do noticiário, no período de agosto a novembro de 2014, que o tempo do noticiário não avançou 15 minutos de produção, totalizando 176’ e 34”, com média por noticiário de 11’75”.



A análise do tempo de produção do noticiário baseou-se na técnica da semana artificial sugerida por Bauer (2000) in Herscovitz (2007, p. 131): “a amostra construída é confiável porque seleciona cada dia da semana de uma semana distinta (primeira segunda-feira de um mês, a segunda terça-feira do mês e assim sucessivamente)” e mostrou-se importante para exemplificar que o noticiário cumpre o período de tempo destinado entre a novela das seis e

³ Reportagens em <http://g1.globo.com/sp/campinas-regiao/jornal-da-eptv-2edicao/videos/>

das sete da Rede Globo e que as reportagens exibidas não avançam três minutos de produção, em média. De acordo o editor executivo do Jornal da EPTV 2ª Edição, o jornalista José Cássio do Prado Ribeiro⁴ o tempo “oscila muito com a grade de programação da Rede Globo”. O editor, devido ao ritmo de produção, imaginava que o jornal neste período fechava em 18 a 20 minutos, mas argumentou: “a justificativa para essa queda de produção é única e exclusivamente em função do período de Copa do Mundo de 2014, onde muitas vezes a gente tinha um jornal de dois ou três minutos em função dos jogos terem caído justamente no horário do jornal”, finaliza.

Em relação à rotina de produção e a possível reflexão da influência no noticiário em torno do sistema de TV digital, José Cássio do Prado Ribeiro explica que ao chegar à emissora antes das 12h analisa o que está previsto para ser exibido no Jornal da EPTV 1ª Edição “para ver que tipo de reportagem nós estamos abordando naquele dia e se será possível avançar em algum assunto importante ou não no segunda edição”. Depois, uma reunião de pauta é realizada e os repórteres saem para o trabalho. “Nós acompanhamos todo o trabalho na rua dos repórteres, aqui dentro com os editores, checando novas informações, a todo o momento”. Já em relação ao sistema digital de televisão, José Cássio argumenta a partir de dois pontos de vistas: o tecnológico e o reflexivo. Os grifos ilustram a preocupação do editor executivo:

“Bom, como tudo na vida, tem os dois lados da moeda, o curioso é o seguinte: em 2000, quando a gente começou a pensar nessa linguagem digital, existia muita dúvida se esse processo daria certo. Pensávamos na **agilidade** e, naquela época, considerava que o processo digital, até pela falta de conhecimento, não era um processo rápido. Era um processo lento que dependia de descarregar imagem. Considerávamos que o trabalho na edição é linear, era mais ágil com fita, a situação se resolvia com maior facilidade. Então, era uma pura ilusão nossa: sistema digital vingou. Logo depois dos primeiros meses sofremos um pouco e percebemos que ele era extremamente ágil e no

⁴ Entrevista no dia 18 de fevereiro de 2015, em Campinas-SP e foram aprovadas previamente pelo Comitê de Ética da PUC-Campinas. Toda citação ao jornalista refere-se a esta entrevista.

produto final você tinha uma visualização melhor do que no sistema linear. Sistema linear para você fazer uma re-edição você perdia em qualidade de material (...). Hoje não, o sistema digital tem essa facilidade de trocar a sonora simplesmente com um comando, mudar o texto de lugar. Então, tudo isso acabou facilitando muito o trabalho e **agilizando** de certa forma, sem contar todas as outras ferramentas do pacote digital. O ponto que eu posso considerar negativo é que antigamente você tinha inúmeros **filtros** durante a edição de uma reportagem. Tinha o editor de texto e imagem que compartilhava a informação; você reunia outros profissionais na construção da matéria, às vezes um operador de caracteres na elaboração de uma arte, outras figuras para construí-la e às vezes ampliava a discussão em determinados assuntos e provocava, gerava dúvida, que eu acho que até certo ponto era interessante. Hoje, dependendo da situação, um profissional é capaz de editar todo aquele material, fazer toda aquela arte, às vezes sem ter uma discussão maior. Então às vezes eu acho que perde um pouco esse **filtro de debate** em relação a uma reportagem”.

O editor ainda explica que depois da implantação do sistema digital a rotina produtiva foi gradativamente alterada. “Em um primeiro momento a gente tinha uma necessidade do material da reportagem antes na casa. Depois a gente percebeu que o sistema permitia uma agilidade muito maior. Então o *deadline* mudou um pouquinho”. José Cássio também explica que é necessário muito cuidado com a facilidade que o sistema digital proporciona, não somente em relação à qualidade de imagem e som, mas, sobretudo, no que se pode e como exibir. “Chega muito material da rua, imagens de celular, máquina fotográfica, flagrantes de câmera de segurança (...). Você deve saber quem envia o material, com qual intenção, ou seja, temos que ter um filtro muito maior”. Segundo ele, uma vez o material na emissora o recurso digital oferece inúmeras ferramentas. “Mas, até que ponto você vai maquiagem com efeitos digitais uma cena, uma situação? Até que ponto você não está mudando a história ou até mesmo deixando tão claro que não cabe um julgamento”, conclui.

Já, no que se refere ao trabalho do repórter na produção das reportagens, a jornalista da EPTV-Campinas Bianca Rosa⁵ avalia que depois da implantação da TV digital a questão da qualidade da imagem e da estética é o menos importante em toda a produção, pois, as imagens mais detalhadas, em função da qualidade do sistema, “mostram mais sobre os meus entrevistados e nós podemos realmente transpor a realidade do fato para a casa das pessoas”.

Outra questão apontada pela jornalista é a agilidade do trabalho, tanto na reportagem como na edição. De acordo com Bianca Rosa, “a gente consegue conversar melhor com o editor e o imediatismo ficou maior”. No noticiário analisado é possível perceber que além da questão do impacto da qualidade das imagens os recursos estéticos como a arte e gráficos são mais explorados quando é preciso narrar algum dado de informação.

A jornalista argumenta ainda que com a qualidade da imagem o texto da reportagem deve “passar mais informação e necessita passar mais ‘sentimento’”. No entanto, “infelizmente devido a nossa rotina a gente não muito tempo no dia a dia, mas o olhar do repórter ficou mais apurado depois da TV digital”, disse.

Bianca Rosa considera que a linguagem no noticiário não sofreu alterações depois do sistema digital. “O que muda mesmo, até com a minha percepção como repórter é aquilo que eu estou vendo. E nem precisa ser personagem: se vamos mostrar a rachadura de uma casa, hoje ela ‘grita no vídeo’, e aí conseguimos trabalhar melhor o texto com aquele detalhe”.

Interessante observar que dependendo das funções desempenhadas pelos jornalistas, a percepção de como a produção da notícia é trabalhada no presente tempo corrido se altera. Para a repórter Bianca Rosa, pouco se alterou na produção e a pauta

⁵ Entrevista no dia 11 de fevereiro de 2015, em Campinas-SP e foram aprovadas previamente pelo Comitê de Ética da PUC-Campinas. Toda citação ao jornalista refere-se a esta entrevista.

continua sendo a diretriz do trabalho de reportagem. Por sua vez, João Paulo Balás Ferreira⁶, coordenador da Central de Apuração da emissora diz que depois da implantação do sistema digital na emissora, ambos os noticiários, Jornal da EPTV 1ª ou 2ª Edições, ganharam em agilidade e produção da notícia. “Nossa apuração se tornou mais rígida e as facilidades da tecnologia digital, tanto por meio dos aplicativos como na checagem em *sites*, *blogs*, portais, enfim, ao mundo digital se intensificaram”. João Paulo afirma modificou o trabalho “para esse olhar digital, para esse olhar de acompanhamento de WhatsApp. São mais de vinte imagens de telespectador pelo aplicativo por dia e implementamos há dois anos, também, a ronda internet, que é um Instagram de novidades da nossa central”.

Neste sentido, de acordo com João Paulo, além da questão da melhora de imagem e som, o sistema de TV digital na emissora “deu agilidade à produção, mesmo que o conceito digital se confunda e\ou se conecte entre o que a TV digital pode fornecer e a realidade das novas tecnologias que estão a nossa disposição”, explica.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Enfim, o que se observa com o trabalho é que o sistema de TV digital implementado na emissora EPTV-Campinas e os reflexos na rotina de produção do Jornal da EPTV 2ª Edição provocaram mudanças gradativas na produção do noticiário. Pela facilidade apresentada, o sistema digital permitiu rever o *deadline* das reportagens, a checagem das notícias passou a ser realizada por vários filtros de apuração, a produção textual dos repórteres procura enaltecer com mais fidelidade a imagem captada e as novas tecnologias estão cada vez mais presentes na produção e apuração das informações.

As constatações são importantes uma vez que mudanças estruturais na prática do jornalismo (PEREIRA; ADGHIRNI, 2011) ocorrem com mais frequência nas últimas décadas (BAZI; FABBRI JR., 2014), muito embora nem todas com tanta eficácia.

⁶ Entrevista no dia 18 de fevereiro de 2015, em Campinas-SP e foram aprovadas previamente pelo Comitê de Ética da PUC-Campinas. Toda citação ao jornalista refere-se a esta entrevista.

No entanto, é preciso considerar que possíveis limitações em trabalhos que analisam as influências do sistema de TV digital na rotina de produção dos jornalistas coincidem com os obstáculos ainda não superados pelo próprio sistema. Apesar da alta definição, o sistema brasileiro de TV digital ainda é tímido na interatividade, já que os usuários poderiam utilizar o controle remoto para responder testes, obter informações sobre programas, comprar produtos anunciados, participar de enquetes ou realizar operações bancárias, por exemplo, a partir do monitor de televisão.

Percebe-se, além disso, certo grau de mobilidade do sistema nas cidades brasileiras, mas a função do sistema não ocorre de forma plena como idealizado. Um desafio que se anuncia para os próximos anos.

5 REFERÊNCIAS

BAZI, Rogério E. R; FABBRI JR., Duílio. **Projetos anacrônicos em televisão: aproximações para novos ambientes virtuais na era digital**. V Seminário Internacional do CIMJ, Lisboa, 2014. <http://www.cimj.org/seminariocimj2014/>

_____. **TV Regional: trajetória e perspectivas**. Campinas: Alínea, 2001.

CASTELLS, Manuel. **A Sociedade em Rede**. São Paulo: Paz e Terra, 2000.

DIZARD JR, Wilson. **A Nova Mídia: a comunicação de massa na Era da Informação**. Tradução de Edmond Jorge. 2 ed. rev. atual. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2000.

HERSCOVITZ, Heloiza G. Análise de conteúdo em jornalismo. In: LABO, Cláudia & BENETTI, Marcia. **Metodologia de Pesquisa em Jornalismo**. São Paulo: Vozes, 2007.

JENKINS, Henry. **Cultura da Convergência**. São Paulo: 2ª edição. Aleph, 2009.

LIMA JUNIOR, Walter Teixeira. Modelo de negócio da TV digital no Brasil. In: SQUIRRA, S. & FECHINE, Yvana. **Televisão Digital: desafios para a comunicação**. Porto Alegre: Sulina, 2009.

MARTINS, Elaide. Telejornalismo na era digital: aspectos da narrativa transmídia na televisão de papel. **Brazilian Journalism Research** - Volume 8 - Número 2 – 2012. Acesso em 09 de novembro de 2013. <http://bjr.sbpjor.org.br/bjr/issue/view/26>

MÉDOLA, Ana S. L.D. Televisão digital:mídia expandida por linguagens em expansão. In: SQUIRRA, S. & FECHINE, Yvana. **Televisão Digital: desafios para a comunicação**. Porto Alegre: Sulina, 2009.

PADILHA, SÔNIA. A Contribuição do Webjornalismo na Construção da Sociedade do Conhecimento. **BOCC** (<http://www.bocc.ubi.pt/pag/bocc-padilha-webjornalismo.pdf>). Acesso em 08 de novembro de 2013.

PEDROSO, Rosa Nívea. Elementos para compreender o jornalismo informativo. **Sala de Prensa**. 2003. <http://www.saladeprensa.org> Acesso em: 09 de novembro de 2013.

PEREIRA, Fábio Henrique; ADGHIRNI, Zélia Leal. O estudo do jornalismo em tempos de mudanças estruturais. **In Texto (UFRGS)** v. 1, N. 24. p. 38-57, 2011. <http://seer.ufrgs.br/intexto/>

PRIOLLI, Gabriel. Antenas da brasilidade. In: BUCCI, Eugênio (org.). **A TV aos 50: criticando a televisão brasileira no seu cinqüentenário**. São Paulo: Perseu Abramo, 2000.

SOUSA, Jorge Pedro. **Teorias da notícia e do jornalismo**. Chapecó: Argos, 2002.

WHITE, David Mamming. O gatekeeper. Uma análise de caso na seleção de notícias. In: TRAQUINA, Nelson(org.). **Jornalismo: questões, teorias e "estórias"**. Lisboa: Vega, 1993.

WOLF, Mauro. **Teorias da Comunicação**. Lisboa: Editorial Presença, 5ª ed., 1999.